

## GEOGRAFIA LITERÁRIA DO BRASIL: CAMINHO DE UMA PRÁTICA DE ENSINO

Tiago Vieira Cavalcante<sup>1</sup> - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9668-996X>  
Thiago Rodrigues Sousa Lima<sup>2</sup> - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7219-0008>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza, CE, Brasil\*

<sup>2</sup> Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza, CE, Brasil\*\*

*Artigo recebido em 14/08/2021 e aceito em 14/03/2022*

### RESUMO

Neste trabalho apresentamos a reflexão sobre uma prática de ensino realizada na disciplina Geografia do Brasil, ministrada no curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará – UFC. Entendemos que a literatura pode ser compreendida como uma criação humana capaz de ampliar nosso entendimento das histórias dos/nos espaços, isto por meio das espacialidades e das geofricidades que envolvem as narrativas. Denominamos essa prática de Geografia Literária do Brasil, buscando diversificar a apreensão por parte dos estudantes das características geográficas das diferentes regiões do país. Por fim, avaliamos as possibilidades didáticas dessa prática com base em pesquisa realizada com os estudantes.

**Palavras-chave:** Geografia do Brasil; Geografia Literária; Ensino de Geografia.

### LITERARY GEOGRAPHY OF BRAZIL: PATH TO A TEACHING PRACTICE

#### ABSTRACT

In this paper we present a consideration about a practice performed in the discipline Geography of Brazil, taught in the Geography course of the Federal University of Ceará. We understand that literature can be understood as a human creation capable of broadening our knowledge of the histories of/in spaces, through the spatialities and the geofricities that surround the narratives. We call this practice Literary Geography of Brazil, seeking to diversify students' apprehension of the geographic characteristics of different regions of the country. Finally, we evaluated the didactic possibilities of this practice based on research conducted with students.

**Keywords:** Geography of Brazil; Literary Geography; Geography Teaching.

\* Professor Adjunto no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutor em Geografia - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP - Rio Claro) e Mestre e Graduado (Licenciatura) em Geografia - Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: [tiagocavalcante@ufc.br](mailto:tiagocavalcante@ufc.br)

\*\* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará. Tem experiência na área de Geociências, com ênfase em Geografia Física, Geomorfologia e Análise Ambiental. E-mail: [trsousalima@gmail.com](mailto:trsousalima@gmail.com)

## **GEOGRAFÍA LITERARIA DE BRASIL: CAMINO HACIA UNA PRÁCTICA DOCENTE**

En este artículo presentamos la reflexión sobre una práctica docente realizada en la disciplina Geografía de Brasil, enseñada en el curso de Geografía de la Universidad Federal de Ceará - UFC. Entendemos que la literatura puede entenderse como una creación humana capaz de ampliar nuestra comprensión de las historias de/em los espacios, a través de las espacialidades y geografcidades que envuelven las narrativas. A esta práctica la denominamos Geografía Literaria de Brasil, buscando diversificar la comprensión de los estudiantes sobre las características geográficas de las diferentes regiones del país. Finalmente, evaluamos las posibilidades didácticas de esta práctica a partir de investigaciones realizadas con estudiantes.

**Palavras-chave:** Geografía de Brasil; Geografía Literaria; Enseñanza de la Geografía.

### **POSSIBILIDADES DA LITERATURA PARA A GEOGRAFIA**

Grafia é daquelas palavras que compõem outras tantas, como cartografia, caligrafia, xilografia e, entre elas, geografia. Diz respeito à escrita, à marcação, às inúmeras maneiras como o ser humano escreve e inscreve seus passos sobre a Terra, vontade intrépida de correr, de conhecer, de desbravar e de deixar a marca no mundo (DARDEL, 2011), pelos pés, mas também, podemos dizer, pela palavra.

A literatura não tem grafia no nome, mas é disso que ela trata, pois também é escrita sobre a Terra. Forma de apreendermos outros lugares e outras paisagens, outras pessoas travestidas de personagens, em espaços e tempos singulares que de forma diversa não teríamos a chance de conhecer.

Segundo Todorov (2010) e Compagnon (2012), a literatura, por meio da imaginação, está comprometida com as relações que os homens tecem com a Terra, aspirando compreender a experiência humana que funda e significa o mundo. Não seria também essa uma das aspirações da Geografia?

Partimos do princípio que a Geografia e a literatura, embora possuam diferentes fins, devem ser compreendidas como maneiras do homem (d)escrever o mundo, tornando-o inteligível, mesmo que para isso tal mundo precise ser (re)construído, (re)elaborado, (re)criado (CAVALCANTE, 2019). Afinal, tanto o geógrafo como o escritor, como sugere Baron (2011), são confrontados com a necessidade de imaginar conceitos que lhes permitam pensar e, mais precisamente, traduzir a singularidade das situações comuns que iluminam a relação entre o homem e a Terra.

Como afirmara Dardel (2011, p. 3): “O rigor da ciência não perde nada ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar, selecionar a imagem justa, luminosa, cambiante. Ele somente dá ao termo concreto seu amparo e sua medida”. Mas quem é este observador que, além do geógrafo, traça o mundo no papel e mesmo no mapa?

Assim como Dardel, geógrafos como Wright (1947) e Prince (1961), concordam que a literatura, como potencializadora da imaginação geográfica, tem a capacidade de revelar terras incógnitas, mesmo diante de um mundo já inteiramente mapeado, a ponto de outro geógrafo, Meinig (1983), afirmar que somente quando escrevermos textos suficientemente penetrantes e poderosos na elucidação da vida, da paisagem e dos grandes temas de Geografia é que vamos constituir firmes ligações com a literatura.

São inúmeros os cientistas humanos e sociais interessados naquilo que a literatura pode desvendar do mundo. É no mínimo interessante a forma como alguns literatos fazem uso da Geografia, de seu cabedal teórico-metodológico, nas suas interpretações sobre escritores e obras, enriquecendo a compreensão epistemológica e ontológica sobre paisagens e lugares (BORGES FILHO e BARBOSA, 2009; ALVES e FEITOSA, 2010). O caminho inverso é também usual e valioso, uma vez que literatura diversifica o nosso entendimento de como o espaço é vivenciado, percebido, habitado, representado e imaginado (MARANDOLA JR. e GRATÃO, 2010; SILVA e SILVA, 2010; PORTUGAL, 2020).

Foi pensando nisso, nas possibilidades da literatura para a Geografia, que trabalhamos junto à disciplina Geografia do Brasil, ministrada nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Geografia da Universidade Federal do Ceará – UFC, em uma Geografia Literária do Brasil. Maneira de, a partir da literatura, ampliar nossa apreensão geográfica do país.

O caminho que percorrermos para chegar à Geografia Literária do Brasil passa pelo entendimento de que a literatura tem em sua composição o espaço como um elemento importante, passível de ser revelado a partir das características geográficas que o conformam e da condição humana que o anima. Diante disso, pedimos para que os estudantes da disciplina buscassem pelas espacialidades e geograficidades presentes nas obras literárias.

Como espacialidades, podemos entender a maneira como é organizado o espaço, no caso, o espaço literário, em sua lógica e processo de formação, considerando fatos históricos, ambiente físico, estruturas sociais, costumes e ideologias. Já as geograficidades, revelam os laços de cumplicidade que as personagens em sua individualidade e/ou coletividade estabelecem com o

ambiente, colocando em relevo simbolismos, imaginações e imaginários, sentidos e afetividades (MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, 2009).

Espacialidades e geograficidades caminham lado a lado e são aberturas para a compreensão geográfica da literatura, uma vez que revelam materialidades e imaterialidades, objetividades e subjetividades, isto é, a dinâmica dialógica que conduz a um entendimento geográfico holístico, suas estruturas, mas também os seus significados. Foi por esse trajeto que imaginamos a possibilidade de uma Geografia Literária do Brasil.

### **POR UMA GEOGRAFIA LITERÁRIA DO BRASIL**

É importante pensar que vasculhar espacialidades e geograficidades em obras literárias, possibilita, no campo didático, o diálogo entre correntes distintas da Geografia; ponto positivo para a formação do estudante que deve de fato estar atento ao movimento da sociedade e do mundo em sua complexidade.

Brosseau (1996), para citarmos um exemplo, discorre que têm sido três as formas de apropriação da literatura por parte da Geografia. Uma que toma a literatura como documento e a entende como complemento de uma Geografia Regional; outra que a partir de um viés humanista compreende a literatura como expressão da experiência dos sujeitos nos lugares; e por fim, aquela que enxerga na literatura uma crítica da realidade e da ideologia dominantes.

A nosso ver todas essas perspectivas contribuem para descortinar as diversas facetas da obra literária e ajudam a compreender a relação entre os mapas e as tramas nela presentes, isto é, a estrutura espacial onde se passam os dramas e, ao mesmo tempo, a condição humana que integra os mapas (MONTEIRO, 2002).

É evidente que academicamente sempre é possível, e por vezes necessário, o aprofundamento de certas abordagens na intenção de uma especialização ou verticalização teórico-metodológica que encaminhe o estudante a pesquisas específicas, capazes de contribuir com o avanço da ciência geográfica. Didaticamente, o diálogo entre diferentes perspectivas amplia não somente o leque de leituras, como também enriquece as possibilidades de apreensão e, por conseguinte, de interpretação do mundo.

Vale pensarmos que o estudante de Geografia entra em contato com disciplinas as mais diversas, sintéticas e/ou analíticas, regionais e/ou gerais, físicas e/ou humanas e é diante dessa formação, a qual pode ser entendida como horizontal e relacional, que ele constitui a sua visão de

mundo, enquanto sujeito e profissional, só posteriormente fazendo opções. De todo modo, que estudante é esse?

Nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Geografia da UFC o estudante cursa Geografia do Brasil no 5º semestre. Antes disso percorreu disciplinas como História do Pensamento Geográfico, Geografia da População, Cartografia, Climatologia, Geografia Agrária, Geomorfologia, Geografia Urbana e dos Serviços, Recursos Hídricos, entre tantas outras. Muitas destas disciplinas, na abordagem dos seus conteúdos, tomam o Brasil como escala, portanto, ao chegar à disciplina Geografia do Brasil o estudante já possui uma visão geral do complexo geográfico do país, que agora será reforçada enquanto visão de conjunto a partir do entendimento de sua formação territorial, desde o passado até o presente<sup>1</sup>.

Para se ter uma ideia, conteúdos relacionados às bases da formação territorial do Brasil; aos domínios de sua natureza; à contribuição de cronistas coloniais, missionários e expedicionários para o conhecimento do território brasileiro; aos tipos e aspectos do Brasil; à construção da identidade nacional; à conformação das divisões regionais do país no século XX e; ao desenvolvimento técnico-científico-informacional do território nacional no decorrer do tempo; são relacionados à literatura, esta entendida como fonte documental, mas também imagética de nossa historiografia.

É nesse contexto que a literatura é tomada como possibilidade imaginativa e interpretativa do Brasil, sendo introduzida entre os conteúdos trabalhados. Primeiro, por também fazer parte do movimento geral da sociedade, assim sendo uma escrita reveladora de espaços diversos no decorrer do tempo (VELLOSO, 1988). Segundo, e reforçando o motivo anterior, por vivificar tais espaços e tempos, incorporando-lhes a necessária condição humana a partir da vida do escritor e das personagens que ele cria (CAVALCANTE, 2020).

Um exemplo importante dessa compreensão mais geral do país, realizada a partir de compartimentações regionais, podemos ler nos *Atlas das Representações Literárias de Regiões Brasileiras*, elaborados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, já com quatro volumes publicados: Brasil Meridional (2006), Sertões Brasileiros I (2009), Sertões Brasileiros II (2016) e Costa Brasileira (2021)<sup>2</sup>. Neles, as características físicas e as identidades culturais são fatores preponderantes para tais regionalizações, aliados a uma cartografia fascinante e sem perder

---

<sup>1</sup> Na UFC os estudantes de Licenciatura e Bacharelado em Geografia possuem, evidentemente, matrizes curriculares distintas, porém com algumas disciplinas em comum. Este é o caso da disciplina Geografia do Brasil e das outras disciplinas que citamos, todas elas ministradas para estudantes de ambos os cursos.

<sup>2</sup> Os diferentes volumes dos referidos atlas podem ser acessados em formato PDF no site do IBGE: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=280931>.

de vista a diversidade do Brasil em sua totalidade. Geografia, história e literatura se entrelaçam na busca de uma compreensão simbólica da nação, pois esta também é conformada pela escrita literária, desde sempre produtora de imagens e do imaginário sobre o Brasil.

Diante de tão belo e hercúleo trabalho, é evidente o uso centrado em obras literariamente românticas, naturalistas e/ou modernistas (cientes do reducionismo que implica esse tipo de enquadramento), as quais comumente tomam o espaço como personagem. Não que isso seja um problema, tendo também em vista o cunho paradidático de tais obras, de apresentar espaços outros e narrar situações outras, muitas vezes tão distantes de onde estamos e do que vivenciamos. Todavia, essa concentração usualmente implica uma apreensão, sobretudo material, física, do espaço geográfico, relacionada às mencionadas espacialidades. Ante o exposto, concordando com Marandola Jr. e Oliveira (2009, p. 501), o desafio “[...] é o de conseguir realizar o mapeamento de nossos sentimentos, da geograficidade. Ainda é necessária a produção de uma geohistória da arte que amarre Literatura, Geografia e Experiência, focando a dimensão existencial e afetiva”.

No nosso entendimento, por de trás de toda obra literária existe uma geografia pessoal que permeia os caminhos da escrita. A escritora cearense Rachel de Queiroz, por exemplo, afirmava que para a constituição dos cenários e personagens de suas obras, fazia uso de suas próprias vivências e experiências (QUEIROZ, 2004). Não se trata de um condicionamento, pois o fruto de tal escrita não é a mera reprodução do que está dado, afinal o escritor a partir de tudo aquilo que o envolve traça outros contornos para as paisagens e lugares que conhece e atribui novas características às pessoas com as quais convive (CAVALCANTE, 2019), mas sim de um direcionamento, uma vez que ao escrever uma obra o escritor (re)cria o seu próprio mundo, também cartografando em que consistem os seres humanos (CERCAS, 2020). A literatura, nesse contexto, nos fornece outras texturas do espaço geográfico brasileiro, novas cores, diferentes nuances, identidade-diferença que em verdade caracteriza qualquer país ou território.

## **QUE BRASIL NA LITERATURA**

Nossa prática de ensino teve o propósito de construir um olhar distinto sobre a Geografia do Brasil, ao entender que todos aqueles que são capazes de escrever sobre o tempo e o espaço são, de algum modo, geógrafos (CLAVAL, 2010), isto é, contribuem com a imagem e o imaginário que temos das mais diversas paisagens e lugares que fazem parte, no nosso caso, das diferentes regiões do país. Desse modo, podemos revelar a riqueza e a diversidade do Brasil a partir da leitura de escritores e obras nacionais.

Tudo isso, logicamente, nos leva ao leitor, àquele que lê, imagina e interpreta. E o estudante é esse leitor que ao tempo que imerge no mundo do livro, reconstrói a sua geografia pessoal e acadêmica. Com Fuentes (2007), aprendemos que toda obra literária é escrita finita que possibilita interpretações infinitas, assim sendo, é também a partir de uma “liberdade mediada” por nós professores que incitamos o estudante a procurar pelas espacialidades e geograficidades que a obra apresenta. Interpretação sensível, imaginativa, em que relacionamos ciência e arte, conceitos e sentimentos, prosa e poesia, na tentativa de conformar uma compreensão ampliada de Brasil, posto que “A leitura não é, na sua forma legítima, uma fuga da realidade. É uma fuga *para a realidade*, como sabem todos os poetas e prosadores” (PERISSÉ, 2006, p. 60, grifo do autor).

A Figura 1, a seguir, mostra algumas obras e seus respectivos autores, todas elas apresentadas pelos estudantes em seminários da disciplina em questão. Obras indicadas por nós ou escolhidas por eles. É possível visualizar a diversidade de espaços e tempos trabalhados na escolha de escritores bem conhecidos (Machado de Assis e Cora Coralina), de outros, ainda hoje, pouco lembrados (Simões Lopes Neto e Dalcídio Jurandir), e de alguns esquecidos ou ignorados pelo grande público (Inglês de Souza e Odin Lima).

Figura 1: Obras e escritores até então trabalhados em Geografia do Brasil, por região.



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

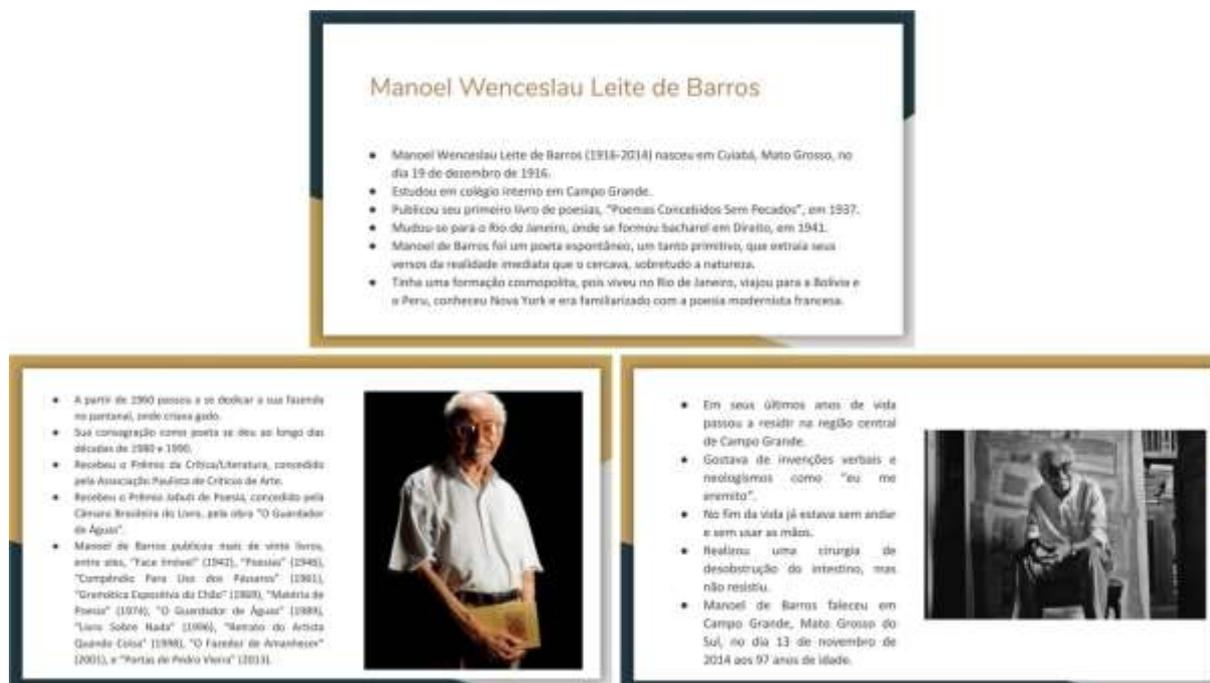
Temos interessantes exemplos de escritores e obras de todas as regiões do país, mas vale notar que a totalidade dos estados ainda não foi contemplada, nem mesmo o Estado do Ceará, de onde parte o nosso pensar-fazer. Isso pode indicar o desconhecimento da produção literária de algumas partes do país, inclusive da literatura local, com concentração, muitas vezes, de escritores e obras mais populares, relacionados ou a destacadas escolas literárias ou a uma rede editorial mais pujante. Cabe dizer que este não é verdadeiramente um problema, uma vez que professores e estudantes podem e devem realizar pesquisas sobre os espaços a serem preenchidos no mapa e discutir as suas geografias para compor a Geografia Literária do Brasil.

O importante é a compreensão de geografias pretéritas e atuais que permeiam as tramas em lugares e paisagens diversas. Uma discussão contextual do passado pelos olhos do presente que entende que os escritores podem descortinar diferentes espacialidades e geograficidades, simplesmente por serem sujeitos distintos, possuidores de impressões únicas, que compõem histórias e geografias variegadas. Vale agora ilustrarmos com alguns exemplos retirados dos seminários apresentados pelos estudantes da disciplina.

É importante destacar que solicitamos aos estudantes que dessem atenção não somente à obra, mas também ao escritor. Isso, porque entendemos, concordando com Lévy (1992), que não existem escritos sem raízes geográficas, expressas no envolvimento entre o escritor e a natureza que dá sentido à sua existência, o que nos leva àquilo que podemos denominar de geobiografia (CAVALCANTE, 2020; CAVALCANTE; SILVA, 2022). Essa geobiografia, mais que apresentar o escritor, o situa em um espaço-tempo específico, ao captar a ambiência de sua escrita. Em certas situações essa ambiência, atravessada por deslocamentos e convivências, aparece nas entrelinhas da obra, a compondo efetiva e afetivamente.

Na Figura 2 temos um exemplo dessa geobiografia com Manoel de Barros, poeta pantaneiro que de(s)formava as palavras para (re)contar e (re)encantar o formidável mundo das pequenas coisas que o envolviam, uma geografia do ínfimo. Característica esta explorada pelos estudantes no momento da apresentação.

Figura 2: Mosaico sobre a vida e a obra do poeta Manoel de Barros.



Fonte: Apresentação elaborada pelos estudantes da disciplina Geografia do Brasil (2019).  
Organizado pelos autores.

No que cerne às especialidades, é interessante observar o contexto histórico-geográfico em que as obras estão inseridas. Exemplificamos com *Belém do Grão Pará*, romance de Dalcídio Jurandir, com base nos slides elaborados pelos estudantes da disciplina (Figura 3). A partir do referido romance é possível conhecer mais da reorganização espacial que houve na cidade de Belém – PA no início do século XX. Afrancesamento pensado por sua elite e que deslumbra personagens como Alfredo, quando este chega à cidade. Urbanização fomentada pela comercialização do látex da região amazônica, portanto relacionada com a natureza da região, provocadora de migrações intra e inter-regionais, como podemos ler na história do Brasil. Na apresentação, destaca para a realidade política, econômica e cultural que permeia toda a narrativa. Característica do próprio escritor que, de acordo com os estudantes, se posiciona em sua literatura, ao também denunciar as desigualdades sociais e os desmandos das elites.

Figura 3: Mosaico sobre a obra *Belém do Grão Pará*, de Dalcídio Jurandir.

### BELÉM DO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

**CICLO DA BORRACHA**

- Implicações demográficas, políticas e culturais;
- O progresso econômico;
- Imigrações originárias do Nordeste;
- Os barões da borracha.



### BELÉM DO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

**A ERA LEMISTA (1897-1911)**

- Senador Antônio Lemos;
- Apogeu econômico da borracha, a imprensa e a disputa entre os regimes da Monarquia e República;
- Período marcado por luxo e ostentação;
- Antônio Lemos foi responsável por uma série de medidas para o dito progresso e transformação da cidade de Belém em uma capital ao estilo parisiense.



Antônio José Lemos  
Nascimento: 17 de dezembro de 1862 (São Luís, MA);  
Falecimento: 2 de outubro de 1913 (Rio de Janeiro, RJ).

### BELÉM DO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

**A BELLE ÉPOQUE DE BELÉM**

- Paris nos Trópicos;
- Consumo de produtos exportados;
- Costumes parisienses;
- Processo de renovação estética e higienista;
- Urbanização voltada para os modelos Europeus.



### A URBANIZAÇÃO DE BELÉM

- O dinheiro gerado pela comercialização da borracha foi muito importante para a reestruturação urbana de Belém;
- A expansão da cidade se deu para agradar a nova elite do látex;
- Cidades como Belém, Manaus e Rio de Janeiro tiveram uma urbanização parecida;
- Com o objetivo de atrair investidores, o "embelezamento" da cidade.

**CARACTERÍSTICAS DESSA URBANIZAÇÃO**

- Fizeram-se necessárias a construção de vias mais largas, como por exemplo, o Boulevard da República;
- Instalou-se uma rede de esgotos, criou-se um serviço de transportes públicos, construíram-se bosques, quiosques e praças;
- Iluminação pública a gás e a chegada de bondes.

Fonte: Apresentação elaborada pelos estudantes da disciplina Geografia do Brasil (2018).  
Organizado pelos autores.

Percebamos a riqueza que é tratar de todos esses assuntos para melhor compreender a dinâmica de uma região que pode nos ser distante. Se somarmos a referida obra de Dalcídio Jurandir aos escritos de Thiago de Mello, Inglês de Souza, Milton Hatoum, Odin Lima, entre outros, certamente teremos uma composição ampliada da Região Norte do país. Composição que pode ser rediscutida e complementada, que a partir da literatura pode servir de ponto de partida ou de entrada para o seu aprofundamento histórico e geográfico.

Já as geograficidades na/da obra literária podem emergir das experiências, positivas ou negativas, que as personagens estabelecem com o espaço do qual são co-participes. É exemplar a obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus (Figura 4), em que geograficidades negras anunciam a pobreza que parece perseguir toda uma classe, toda uma raça. A favela (quintal) em São Paulo, de onde Carolina escreve, é apresentada como espaço onde são jogados os dejetos do restante da sociedade. Favela que parece não fazer parte dessa cidade (jardim) e que é esquecida pela prefeitura (sala de jantar). Metáforas espaciais criadas pela escritora para denunciar a fragmentação e marginalização da cidade onde (sobre)viveu.

Figura 4: Mosaico sobre a obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus.



Fonte: Apresentação elaborada pelos estudantes da disciplina Geografia do Brasil (2019).  
Organizado pelos autores.

Compreendamos a força experiencial e também (d)enunciadora da narrativa ao demonstrar a relação entre o corpo (negro, famélico e feminino) e a cidade. Uma geografia encarnada (MARANDOLA JR., 2018), maneira de ser-estar-no-mundo diante das desigualdades. Características reveladoras da particular geograficidade da escritora-personagem da/na obra, aspectos que, para muitos de nós, seriam difíceis de ser incorporados de outra maneira se não por meio de uma leitura crítica e atenta.

Mas em São Paulo, a cidade, temos um entre outros tantos (con)textos passíveis de serem lidos para o entendimento da Região Sudeste. Outras (geografi)cidades, a exemplo daquelas do/no Rio de Janeiro, também se fazem presentes em obras como *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Além do campo, do rural, com suas singularidades identitárias, sertanejas, existenciais, se lemos *Grande Sertão, Veredas*, de Guimarães Rosa, compondo também uma visão ampliada, múltipla, dessa região do país.

Esses são alguns exemplos retirados das várias apresentações (cerca de 40<sup>3</sup>) realizadas sobre escritores e obras diversas de todas as regiões do país. Demonstram um pouco do trabalho

<sup>3</sup> Ressaltamos que nos seminários apresentados algumas obras se repetiram, a exemplo de *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, de Cora Coralina e *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, entre outras. Um dos motivos pode ter sido a geografia material, física, um tanto mais evidente revelada

desenvolvido na disciplina Geografia do Brasil no decorrer de dois anos (2018 e 2019). Um trabalho como esse, como é possível imaginar, não tem fim, pois a todo instante podemos nos deparar com novidades literárias, sobretudo nos dias de hoje em que escritores e obras, do passado e do presente, têm sido “descobertas” e que uma literatura alternativa, marginal e/ou decolonial tem sido produzida e, o que é mais importante, publicada, evidenciando a potência da palavra em nos revelar outras e/ou novas espacialidades e geograficidades.

## **IMPRESSÕES DE UMA PRÁTICA DE ENSINO**

Pensamos, a partir do exposto, ter ficado claro que a literatura não deve ser considerada simplesmente como documento a complementar o conhecimento geográfico. Ela própria faz parte da construção e da experiência que temos do espaço, sendo capaz de nos proporcionar olhares renovados sobre os territórios em suas múltiplas escalas.

Em relação à pesquisa realizada com os estudantes da disciplina, é importante antes sinalizar que muitas de nossas reflexões no decorrer deste trabalho já anunciaram de alguma forma as assertivas a serem apresentadas, afinal foram feitas movidas pelo calor da prática em sala de aula, em busca dessa Geografia Literária do Brasil.

Os estudantes responderam a um formulário que criamos com perguntas que abordaram: 1 – a relação com a literatura ao longo da trajetória estudantil, desde o ensino básico até o ensino superior; 2 – a apreciação sobre as possíveis associações entre Geografia e literatura na disciplina; 3 – a experiência na realização dos seminários sobre Geografia Literária do Brasil; 4 – os aspectos mais úteis da abordagem realizada e; 5 – as sugestões para o aperfeiçoamento da atividade. Sendo que as três primeiras perguntas foram objetivas e as duas últimas subjetivas.

Vamos discuti-las em conjunto, pensando na relação leitor-mundo, literatura-geografia, ou em como a literatura pode, ao “[...] nos tornar mais aptos a enunciar nossas próprias palavras, nosso próprio texto, e a ser mais autores de nossas vidas” (PETIT, 2009, p. 37), contribuir com a nossa visão de mundo. O diálogo, portanto, se faz entre as próprias perguntas e entre estas e as nossas referências.

Isso posto, as respostas demonstraram que a relação dos estudantes com a literatura foi sendo ampliada no decorrer de sua formação, sendo reduzida no ensino fundamental e bem mais

---

nestas obras. Por esse motivo o número de apresentações não condiz com aquele de obras e autores apontados na Figura 1.

forte no ensino superior. Ressaltamos que na graduação, como é de nossa sabedoria, a carga de leituras aumenta, leituras especializadas, particularmente geográficas, no nosso caso, mas que podem, por ventura, provocar o hábito e a curiosidade pela leitura de diferentes tipos de literatura.

Sobre isso não poderíamos deixar de comentar sobre as diversas vezes que os estudantes se aproximaram de nós para relatar o quanto os trabalhos que realizaram os levaram a novas descobertas literárias, fazendo com que eles buscassem outras obras, outras leituras, de compreender, nas palavras de um deles, *“que se pode aprender a fazer Geografia de formas diversas. Assim falamos de Geografias”*. Isso reforça a assertiva de Perissé (2006, p. 131), de que *“A leitura provoca dissonâncias e consonâncias. Agita a água parada da nossa percepção de mundo. Problematiza. Reafirma e contesta. Provoca”*.

Não à toa, além de perceberem que a literatura fez parte de nosso entendimento de Brasil durante todo o percurso da disciplina, afirmaram que, em consequência disso, ficaram estimulados pela leitura de obras literárias. Para um dos estudantes, foi importante *“Agregar conhecimentos por meio de uma geografia que muitas vezes não percebemos em nosso cotidiano”*.

O impacto de tudo isso se deu nos seminários apresentados. Apresentações que exigiram uma antecipação, uma organização do pensamento e da prática e que se mostraram instigantes, criativas, expondo, no dizer de um deles, *“a relação, na visão de um autor de uma obra literária, entre espaço e sociedade [...]”*.

É claro que os seminários poderiam ter o seu tempo alargado, principal sugestão dos estudantes: *“As apresentações são efêmeras pra grandiosidade de uma obra literária, acho que um maior uso de tempo para as apresentações pode contribuir para que os alunos dêem o máximo de si e possam trazer para sala de aula experiências inimagináveis”*. Todavia tal sugestão também revela a consciência das inúmeras possibilidades que a obra oferece, afinal, *“Exercício de reflexão e experiência de escrita, a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo”* (COMPAGNON, 2012, p. 31)... Não seria esse também o projeto da Geografia?

Mais do que conteúdos a serem ministrados para os estudantes terem uma noção de Brasil, buscamos esgarçar a ideia de conhecimento geográfico, em como e por quem pode ser pensada e elaborada, esclarecendo que tanto o tempo como o espaço atravessam todos nós, logo, atravessam tudo aquilo que produzimos e reproduzimos, a exemplo da literatura. Fiquemos, por fim, com a resposta de mais um estudante, talvez aquela que melhor explicita o até então apresentado: *“A relação com a literatura ao longo da disciplina é válida ao passo que pudemos perceber aspectos trazidos pelas leituras, das muitas Geografias do nosso Brasil, tendo a noção de que cada pessoa*

*tem em si uma geografia própria, capaz de transformar o lugar de origem em algo muito maior em importância e particularmente seu no decorrer das vivências".*

## **PARA SEMEAR MENTES E CORAÇÕES**

“Eu via a geografia através dos romances” (AB’SABER, 2007, p. 47), foi o que afirmou o renomado geógrafo Aziz Ab’Saber em depoimento à jornalista Cynara Menezes. É o que reafirmamos como possibilidade a partir da experiência que tivemos em nossa disciplina. Tratava Ab’saber de suas leituras juvenis, de quando conheceu o Brasil pelos olhos, ou melhor, pelas palavras dos escritores. Tratamos aqui do caminho de uma prática de ensino que buscou desvelar mais uma possível grafia, entre outras tantas, sobre o nosso território.

Pensamos que o objetivo da educação e, no nosso caso, da educação geográfica, é o de criar sujeitos capazes de pensar e fazer coisas novas, diferentes e não simplesmente repetir o que os outros já fizeram. É nesse contexto que a literatura pode estar no centro da nossa prática docente, fazendo dos nossos estudantes descobridores, criativos, afinal “A palavra literária, a palavra poética, a palavra criadora é busca de luz, ampliação da consciência, multiplicação de possibilidades, colheita de inspirações, recriação de sentimentos (PERISSÉ, 2006, p. 131). Sabemos com isso que a literatura não só pode nos presentear com formidáveis geografias, como também as semear em nossas mentes e corações.

## **REFERÊNCIAS**

AB’SABER, Aziz N. **O que é ser geógrafo**: memórias profissionais de Aziz Ab’Saber em depoimento à Cynara Menezes. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ALVES, Ida F.; FEITOSA, Márcia M. M. (org.). **Literatura e paisagem**: perspectivas e diálogos. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010.

BARON, Christine. Littérature et géographie: lieux, espaces, paysages et écritures. **Fabula-LhT**, nº 8, Dossier Le partage des disciplines, mai 2011. Disponível em: <<http://www.fabula.org/lht/8/baron.html>>. Acesso em: 30 dez. 2020.

BORGES FILHO, Oziris; BARBOSA, Sidney (org.). **Poéticas do espaço literário**. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2009.

BROSSEAU, Marc. **Des romans-geographes**: essai. Paris: L’Harmattan, 1996.

CAVALCANTE, Tiago V. **Geografia literária em Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Edições UFC, 2019.

CAVALCANTE, Tiago. V. A geografia de um nome: Rachel de Queiroz. In: PORTUGAL, Jussara F. (Org.). **Geografias literárias: Escritos, Diálogos e Narrativas**. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 227-252.

CAVALCANTE, Tiago V.; SILVA, Cristina M. da. **Rachel, Rachéis: travessias entre saberes**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2022.

CERCAS, Javier. As velhas verdades da alma. In: VIEL, Ricardo (org.). **Sobre a ficção: conversas com romancistas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 29-43.

CLAVAL, Paul. **Terras dos homens: a geografia**. Trad. Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para que?** Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FUENTES, Carlos. **Geografia do romance**. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

IBGE – INSTITUTOBRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. [Volume 1 – Brasil Meridional].

IBGE – INSTITUTOBRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras**. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. [Volume 2 – Sertões Brasileiros I].

IBGE – INSTITUTOBRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. [Volume 3 – Sertões Brasileiros II].

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. [Volume 4 – Costa Brasileira].

LÉVY, Bertrand. **Hermann Hesse: une géographie existentielle**. Paris : Jose Corti, 1992.

MARANDOLA JR., Eduardo. Olhar encarnado, geografias em formas-de-vida. **Geotextos**, v. 14, n. 2, p. 237-254, dezembro 2018.

MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia H. B. (org.). **Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010.

MEINIG, Donald W. Geography as an art. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 8, n. 3, p. 314-328, 1983.

MONTEIRO, Carlos A. de F. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

PERISSÉ, Gabriel. **Literatura e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2ªed. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

PORTUGAL, Jussara F (org.). Geografias literárias: escritos, diálogos e narrativas. Salvador: EDUFBA, 2020.

PRINCE, Hugh C. The geographical imagination. **Landscape**, v. 11, n. 1, p. 22-25, 1961.

QUEIROZ, Rachel de. O nosso humilde ofício de escrever. In: \_\_\_\_\_. **Rachel de Queiroz** – seleção e prefácio Heloisa Buarque de Holanda (Coleção melhores crônicas). São Paulo: Global, 2004. p. 268-270.

SILVA, Maria A. da; SILVA, Harlan R. F. da (orgs.). **Geografia, literatura e arte: reflexões**. Salvador: EdUFBA, 2010.

VELLOSO, Mônica P. A literatura como espelho da nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1988, p. 239-263.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 3ªed. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

WRIGHT, John K. Terra incognitae: the place of the imagination in Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v.37, p.1-15, 1947.